

Laly Carneiro: de perseguida política a condessa na França

Por Dra. Adice Assi Meira Lima, médica ginecologista

A médica Maria Laly Carneiro Megnham nasceu no dia 01 de julho de 1937, filha de José Benevides Carneiro e Luiza Amélia Gregório Carneiro. Aos cinco anos, a filha mais velha de 11 irmãos, junto com os pais e toda a família, saiu de Mossoró (RN) em um caminhão, junto com outras famílias pobres, em direção à Amazônia, onde o pai tinha a intenção de ser seringueiro. Entretanto, Laly adoeceu e a família teve que permanecer em Natal (RN). Anos mais tarde, seu irmão Osvaldo, conhecido pelo apelido de Piaba, foi destacado jogador de futebol do ABC.

Laly fez o estudo primário na Escola Estadual Augusto Severo e o secundário no Colégio do Atheneu Norte- Riograndense. Em 1959, foi aprovada em concurso vestibular para ingresso na Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Em 1960, era aprovada no vestibular para ingresso na Faculdade de Medicina da UFRN. Durante o tempo de graduação em medicina teve destacada atuação no movimento estudantil, na Juventude Universitária Católica, no programa “De pé no chão também se aprende a ler” e participou ativamente do “Movimento Ação Popular”, movimento feito este no Brasil inteiro com o intuito de realizar, através dos meios democráticos e regulamentares, reformas básicas, uma vez que o Brasil necessitava delas. Essas reformas eram universitárias, agrárias e outras tantas necessárias para que o país pudesse se desenvolver. O “Movimento Ação Popular” era formado por intelectuais, universitários, agricultores e operários de todo o Brasil.

Devido à sua militância política, Laly foi presa na primeira semana de junho de 1964. Foi a primeira mulher a ser presa por questões políticas na região nordeste pelo governo militar. Sua prisão ocorreu quando assistia aula na Faculdade de Medicina, quando foi levada em um jipe com quatro homens armados, como ela mesma dizia, “**sem palavras e sem violência**”. Ficou presa no quartel do exército (16RI) em Natal, onde passou dois meses em uma cela pequena e insalubre que tinha sido o cativeiro do prefeito deposto Djalma Maranhão. Laly não foi torturada fisicamente nem violada. No entanto, ficou com o emocional destruído. Foi submetida a interrogatórios e exposta a execração pelas esposas de oficiais e até mesmo a simulação de um fuzilamento: em uma noite, foi levada ao pé de um morro, sozinha, e os militares e soldados se posicionaram, simulando que atirariam nela, numa tortura psicológica indescritível.

Laly Carneiro respondeu a três processos: um na universidade, outro no estado e o processo militar. O advogado Otto de Brito Guerra, que atuava como advogado de presos políticos na época, impetrou um *Habeas Corpus* para que ela fosse solta, concedido pelo Superior Tribunal Militar do Rio de Janeiro no dia 20 de julho de 1964, que a reintegrou e aposentou, uma vez que era funcionária do estado. Quanto ao processo da universidade, foi permitido a ela que terminasse o curso de Medicina. Mesmo em liberdade e terminando o curso, sofreu muito preconceito, chegando ao ponto de alguns professores dizerem que ela não lhes dirigissem a palavra. “**Apenas os professores do departamento de Toco-ginecologia Lavoisier Maia e Leide Morais foram ao QG dizer o que pensavam de mim.**”

Colou grau no curso médico em 10 de dezembro de 1965, e ao terminar o curso foi aprovada no concurso para Residência Médica na Clínica de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da UFRN.

Em 1966, com a situação política instável, o ambiente hostil, com perseguições e prisões, Laly teve ajuda de entidades católicas e apoio do Professor Leide Moraes para fugir para a França. Chegou em Paris em um dia chuvoso de inverno -era o seu exílio e uma nova história de vida estava apenas começando. Em Paris, tudo era diferente: o clima, o idioma e a maneira de viver. Ela precisou sozinha recomeçar tudo, inclusive o curso médico: fez novo vestibular, uma vez que o diploma brasileiro não era reconhecido pelas autoridades francesas. Em 1966, entrava para a Faculdade Paris-Sud, centro hospitalar universitário de Cochin Port-Royal. No ano de 1973, recebeu o diploma de especialização em Anestesia e Reanimação. Em 1976, com tese defendida neste centro, foi laureada pela faculdade com medalha de prata. Em 1967 conheceu o Conde Serge Meignhan, com quem veio a se casar, passando a ter o título de Condessa, e com quem teve três filhos: Laly Meignhan (famosa atriz francesa), Vanessa e Felipe.

Em 1969 foi escolhida assistente substituta no Hospital Bicetre, na França, onde exerceu o cargo até 1973. Laly foi fundadora e chefe do Serviço de Anestesia e Reanimação do Centro Hospitalar Saint-Anne de 1975 até o ano de 2001. Foi condecorada com a cruz “ Pró Mérito Melitemi “ da ordem militar e hospitalar de Malta; com o mérito “ Professor Leide Moraes”, conferida pelo Memorial de Medicina do RN; e com o título honorífico de Cidadã Natalense.

Membro do “Who is Who in the World” (Quem é quem no mundo); membro da Academia Mundial da Saúde e da Academia Européia de Anestesiologia. Foi membro ainda da Academia Européia de Anestesia; da Associação de Neuroanestesia-reanimação de Língua Francesa; da Sociedade Francesa de Anestesia, Analgesia e Reanimação; do Conselho de Administração da Associação Internacional de Anestesia-reanimação de Expressão Francesa; e Vice-presidente do Colégio Nacional dos Pacientes Hospitalares em regime de tempo integral dos hospitais não universitários da França. A médica foi considerada ainda médica expert em Anestesiologia pela diretoria de Farmácia e do Medicamento do Ministério da Saúde da França.

Laly Carneiro faleceu aos 79 anos em Paris, onde morava desde 1966, no dia 12 de julho de 2016, devido à complicações decorrentes do lúpus.